RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTUDANTE ESTRANGEIRO COMO USUÁRIO DE EQUIPAMENTO DE SAÚDE DE REDENÇÃO

Victor Iufa [1], Francisco Weslay Oliveira Mendonça (orientador) [2]

RESUMO

Este relato de experiência nasce de uma situação de doença que passei durantes o mês de julho de ano 2018 e da necessidade de acessar serviços públicos de saúde. Também se relaciona ao fato de ser bolsista voluntário do projeto “Portas Abertas e Braços Abertos”, que tem sido executado com, dentre outros objetivos, o de promover a qualificação de acolhimento e atendimento de estudantes estrangeiros em equipamentos públicos de Acarape e Redenção. Ao longo do seu desenvolvimento, busco discorrer sobre a complexidade do sofrimento relacionado às práticas de preconceito, racismo e descriminação experimentadas, visando relatar nossa própria vivência em hospitais de municípios circundantes à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Nosso principal objetivo neste trabalho é, assim, apresentar uma problematização deste relato e, para tanto, adotamos a descrição de nossa vivência como método e uma articulação bibliográfica com trabalhos afins que nos apresentam outros relatos estudantis semelhantes. Este trabalho reverbera a preocupação que temos e o compromisso ético-político destinado à resolução em relação a estas práticas, que consideramos merecer serem pensadas mediante políticas públicas específicas destinadas para tal.
Palavras chaves: imigração para fins estudantis, preconceito racial e descriminação.

Palavras-chave:

imigração para fins estudantil. preconceito. descriminação.

[1] UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras , Discente, e-mail: victoriufa@gmail.com
[2] UNILAB, Serviço de Atenção Psicossocial (SATEPSI), TAE, e-mail: weslay@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Para Barreto (2017) os primeiros estudos que foram realizados no Brasil mostram que o racismo era entendido basicamente como preconceito. Que seria a atitude, e também a discriminação, queira o ato, o comportamento concreto. Então, nesta perspectiva, o racismo era entendido como um fenômeno individual. Ao passo que para Lima e Vala (2004), o racismo e o preconceito permanecem um problema grave e atual. No entanto, segundo os autores, "apesar da sua relevância enquanto problema social, o preconceito e o racismo quase sempre foram percebidos como sendo um problema do outro e, portanto, distante de cada um de nós." (LIMA e VALA, 2004, p. 402). Neste trabalho, compreendermos que o problema de preconceito racial e discriminação sempre estão presentes nos nossos dias, percebidos conscientemente ou não, sentidos imediatamente ou não, devido ao seu papel estruturante das relações sociais.Portanto, justificamos a relevância deste trabalho em seu papel problematizador de práticas que causam mal-estar cotidiano e o estresse entre indivíduos e grupos, em suas relações cotidianas. Nasce de minha própria experiência do lugar de estudante estrangeiro da UNILAB, africano, usuário da rede de saúde dos municípios do entorno da Universidade. Igualmente, é consequência do fato de atuarmos como bolsista voluntario de projeto de extensão "Portas Abertas e Braços Abertos", que possui, dentre seus objetivos, a qualificação do acolhimento e do atendimento de estudantes africanos nos Municípios de Redenção e Acarape, especificamente os equipamentos de saúde e assistência social. O projeto em questão é fruto do cotidiano da equipe técnica da Coordenação de Assistência à Saúde Estudantil em meio ao atendimento de estudantes estrangeiros da UNILAB, sendo uma proposta do Serviço de Atenção Psicossocial. Enquanto um jovem imigrante para este fim estudantil e bolsista deste projeto experimentei, por um lado, esta realidade de ser usuário africano e negro de equipamentos de saúde e, por outro, fui convidado a pensar e dialogar sobre esta experiência, compartilhando-a neste trabalho na expectativa de colaborar para a minimização de lacunas relevantes à qualidade deste acolhimento e atendimento.

METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho descritivo de relato de experiência vivida por motivos de doença, esta experiência foi vivida nos municípios de Acarape e Redenção durante o mês de julho. Através desta metodologia adotada queremos relatar a nossa experiência enquanto estudante estrangeiro que sentiu na pele o preconceito racial e discriminação nas redes de saúde destes municípios. Também trazemos algumas experiências dos alunos que relataram os mesmos acontecimentos nos trabalhos bibliográficos, como diz GIL (2010), que na sua concepção este se usa com base em documentos já publicados, tradicionalmente esta modalidade inclui materiais impressos como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Assim, o autor mostra que é utilizada praticamente em todas as ciências sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No princípio do mês de julho de ano em curso, 2018, para minha infelicidade, tive problemas de saúde. Portanto, comecei a procurar soluções nos hospitais e postos dos municípios da região do entorno da Universidade. No primeiro dia que comecei a sentir a referida dor, fui prontamente para hospital de Acarape por volta das 14 horas, cheguei e fiz a ficha de atendimento na recepção. Fiquei quase duas horas de tempo na espera para ser atendido pelo médico. Eu estava com uma dor muito forte que não podia aguentar, fui conversar com uma menina que estava na recepção, perguntando do procedimento. Percebi, na ocasião, que não havia muita gente na minha frente, mas infelizmente algumas pessoas que chegaram depois de mim estavam a ser atendidas e eu ficava sem atendimento. A resposta dela, a referida menina, foi algo como "- quem chama os pacientes é o médico". Então, perguntei "- como posso falar com o médico?" Mas não obtive sucesso, a resposta era que deveria esperar a minha vez. Como consequência, fiquei muito tempo na fila até

que uma senhora veio conversar comigo e me mandou entrar para ser atendido. Esta experiência inicial, desde a recepção, avalio como sinal da ausência de um atendimento adequado enquanto um paciente que está à procura de solução para sua saúde, mas também o senti e simbolizei como um ato de preconceito racial contra mim, enquanto negro e africano. Portanto, pude assim sentir na pele uma verdadeira discriminação dentro duma instituição. Acabei tendo uma percepção de que os municípios do entorno da universidade não me pareciam preparados para receber os africanos em grande número, como se verifica.

Podemos considerar que em cada sociedade racista desenvolve mecanismos diversos "uns mais sutis, outros nem tanto, de restrição, limitação e exclusão social.", como afirma Theodoro (2013, p.4). "Sujeita o indivíduo negro a barreiras que limitam ou bloqueiam suas condições de mobilidade social, associa-os à pobreza e à miséria, banaliza situações graves de constrangimento e violação de direitos que levam à alienação e, no limite, à morte." (THEODORO, 2013, p.4). Avalio que racismo é muito presente nas nossas convivências aqui nos municípios e, esta avaliação é compartilhada por relatos do jovem estudante Eduardo, oferecido em entrevista para Mendonça (2017), que nos mostra o descontentamento de alguns brasileiros com relação aos estrangeiros, ao dizer:

"*Aí, um rapaz comentou assim: "você veio pra cá..." (risos). É até engraçado... "Come da nossa comida, bebe da nossa bebida, é... E ainda come as nossas mulheres e ainda tão reclamando de dinheiro?". Foi isso que ele colocou. "Você veio pra cá, come a nossa comida, bebe a nossa bebida, e ainda come as nossas mulheres e ainda tá reclamando de dinheiro?". Então, acho que essa frase dá pra perceber muito bem um dos pontos, né, do preconceito". (EDUARDO, E02, p.104).*

Mendonça (2017) nos mostra como os africanos sofrem diferentes tipos de preconceitos e racismo no contexto da imigração para fins estudantis e discute, em seu trabalho de mestrado, suas implicações psicossociais. Em seu entendimento, a partir dos relatos estudantis que colheu em sua pesquisa, preconceito, racismo e discriminação são eventos cotidianos geradores de sofrimentos psicossociais em estudantes africanos. Dentre outros relatos, também nos traz uma abordagem de um estudante guineense, Márcio, que por sua vez narra uma situação em que esteve doente, na fila para um atendimento de saúde, quando sentiu-se discriminado, tendo seu lugar na fila desrespeitado:

"*Eu sentei como todo mundo tava lá. Tinha três pessoas na minha frente e aí começou: primeira, segunda, terceira e a quarta devia ser eu. E chega uma mulher com uma menina e ela atendeu por conta da menininha: eu deixei, né! Depois de uma mulher e um bebê chegou a outra com a sua filha, mas crescida, de quinze anos. "Não é emergência", eu falei. "Eu nunca vi emergência desse jeito". [...] "Olha, é que eu sou estrangeiro, mas a saúde é pública. Eu não sou brasileiro, mas eu faço parte da população dessa cidade, de alguma maneira indireta eu pago contribuições ao Estado" [...] Então, se o atendimento é pela ordem de chegada, por que inventar que era emergência? Eu falei: "não, eu comecei a estudar o curso de enfermagem, eu sei o que é emergência". Eu sei, então, não era emergência coisa nenhuma. [...] "Aqui é uma instituição pública, então o atendimento tem que ser igualitário pra todo mundo, não importa a cor, raça ou qualquer coisa. "* (MARCIO, E10, p. 52).

Isto nos leva a concepção de que existe um nível muito elevado de preconceito e racismo no país em geral que precisa ser trabalhado muito sério e arduamente através de uma política pública voltada a direito de igualdade, e também de sensibilização dos nacionais.

Duas semanas depois da primeira cena no hospital de Acarape, tive que voltar para hospital porque estava a sentir a mesma dor, só que desta vez fui para hospital de Redenção, e disseram que eu devo ficar internado no hospital. Durante a minha internação por três dias tomei soro direto e fiz a ultrassom com urologista, e,

ele me disse que vou ter que fazer a cirurgia. Mas ele ainda vai conversar com o médico de área. No entanto, fiquei na espera de resposta por parte deles e sem sucessos. Como eu estava internado e sem acompanhante tive que levantar muitas vezes para procurar a resposta. Passaram-se alguns dias sem reposta de concreto sobre o que viria acontecer, qual será o procedimento médico concernente À situação da minha saúde. E na minha insistência de ir atrás de informação conversei com uma senhora e ela me informou que o Hospital de Redenção não possuiria de imediato o serviço de cirurgia que necessitava publicamente, mas sim um serviço privado. Ao mesmo tempo fui conversar com a enfermeira responsável que estava de plantão para saber se o sistema já havia liberado alguma vaga como me haviam prometido, mas infelizmente ela procurou o meu nome no sistema e não achou. Quando pegou meu prontuário, viu que a enfermeira que me internou não colocou meu nome no sistema para que eu pudesse ser transferido para o hospital que tem o serviço que estava a precisar naquele momento.

Foram momentos muito difíceis de minha vida, e fiquei sem saber o que fazer para solucionar o problema da minha saúde. De um lado, eu estava com dores e sem ser atendido adequadamente por um médico, e por outro lado, eu estava perdendo as aulas na universidade. No entanto, eu decidi sair de hospital por conta própria para dar outros seguimentos no tratamento da minha saúde. Devido a equipe de saúde de Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, que se mobilizou rapidamente e me ajudou a encontrar uma solução, consegui fazer os meus tratamentos no hospital de Maracanaú, para onde fui transferido.

CONCLUSÕES

Durante todo este processo avaliei, através do que vivia, que os equipamentos de saúde dos municípios de região precisam ser conscientizados sobre o atendimento da população negra e principalmente para nós africanos imigrantes para fins estudantis. A mim, como estudante estrangeiro, posso dizer que senti que se fosse um brasileiro que estivesse na mesma situação em que naquele momento, o tratamento não seria o mesmo ao que recebi. Esta experiência, assim como as dos relatos trazidos na revisão bibliográfica, mostram-nos como nos sentimos (estudantes africanos e estrangeiros) mal vistos por aqui.

Entendo que faltou, nas comunidades do entorno, uma previa preparação para nos receber. Talvez se houvesse essa sensibilização e explicação dos objetivos da nossa vinda para os municípios os tratos seriam um pouco diferente. Portanto, a UNILAB enquanto uma instituição de ensino, deve pensar em políticas públicas junto às prefeituras dos municípios visando minimizar estas práticas. Aqui vale muito realçar o importante trabalho que o projeto “Portas Abertas, Braços Abertos” está a fazer junto aos profissionais dos equipamentos de saúde e de assistência social, proporcionando momentos de diálogos institucionais com intuito de minimizar estes preconceitos, racismo e descriminação sofridos por jovens africanos para fins estudantis, oferecendo qualificação para o atendimento a estudantes imigrantes para fins estudantis. Acredito na potencialidade deste projeto e já estou a vivenciar os frutos produzidos através destes diálogos institucionais e do curso que está em andamento. Verifica-se a participação desde servidores públicos dos dois municípios do entorno, Acarape e Redenção, e os debates estão sendo produtivos, em nossa avaliação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito ao meu senhor e criador do universo pela saúde e vida que me proporcionou, acredito que sem Ele não poderia concretizar e resolver os meus problemas de saúde. Pois nos momentos mais difíceis da minha vida Ele sempre estava presente me consolando e renovando as minhas forças. Também, de uma

forma muito especial, quero agradecer a minha amada mãe que me ensinou a lutar para conquistar os meus objetivos, que me ensinou a ser forte, mesmo quando a força era pouca. Á toda equipa de projeto “Portas Abertas e Braços Abertos” que tem o intuito de qualificar o atendimento e acolhimento destes jovens Africanos.

REFERÊNCIAS

BARRETO, p. racismo individual e institucional. Projeto raça, desenvolvimento e desigualdade social. Disponível em: acesso em: 10 set. 2018.

GIL, Antônio Carlos 1994, como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil - 5ed.- são Paulo: Atlas 2010.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. As Novas Formas de Expressão do Preconceito e do Racismo. Estudos de Psicologia (Natal), Natal, v. 9, n. 3, p. 401-411, dez. 2004. Disponível em: Acesso em: 10 set. 2018

MENDONÇA, Francisco Weslay oliveira - implicações psicossociais do preconceito e do racismo em estudantes africanos da universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira - fortaleza 2017.

THEODORO Mário. As relações raciais, o racismo e as políticas públicas – Brasília 2013